

22 OUT 75 - 4ª feira

Ru/c/ Crespo

→ Condicionantes na descolou. Angola:

- Futuro das relações (económicas, cultura, técnica Portug., investimentos portugueses),
- Pensa-se ainda poder regular o contencioso financeiro. (Investimentos público - 30 milhões).
Mozambique: Portug. se avia 40 mil de 50 milhões.
- Relações internacionais: pretende-se amistososas e quase todas, porque podemos colocar produtos "pobres" da nossa indústria no 3º mundo. O mesmo applies, outros mercados devem ser diversificados dos atuais.
- Tese do 3º mundo: Portugal, só não dependente se desalinhado dos blocos e alinhado e/3º mundo progressista (em África: Angola, Zâmbia, Foz, Moçambique, Guiné, e... Angola).
- Portugal pretende respeitar o espírito do Acordo de Alizé.

• O fundamental não é o reconhecimento dos 3 ML mas sim que compete ao Pov. Aus. decidir o seu futuro (soberania). Essa Merame a luta armada, que é uma forma de luta pela soberania. A soberania é outorgada ao Pov., que escolhe as suas instituições.

Como Port. se dispõe da arma diplomática para apitar a qual se instaura um regime jurídico, há que fazer conferências:

3 ML e membros dos países indicados por cada (4 países):

Mozamb. → MPLA; Zaire → FORDA;
União → Costa do Marfim.

Razões da presença: Specializar as interações dessa conferência, embora com poucas esperanças, diplomacia final e última.

Em Port. há 2 pontos: trabalho de Estado - não são temas que regem

nos assuntos internos de Angola.
Rotas ideológica e é diferente
da outra. Aqui Pov. apia o
MPLA. Moramb., Fambria, Tanduau.
Tem a mesma atitude.

— u —
Diplomacia. É vamos anunciar
todas estas diligências feitas,
se nada resultar. Depois, a
realidade é a depois é a de
que o Povo é o detentor da
soberania e de escolher a sua
— u —

Preferem-se privilegiar as ideias de
um dos Moramb., e esse será, se
possível, o MPLA. Mas como talvez
isto far-se-á sem que nos possam
assacar facilmente.

— x —
EVA disse-nos que nos podia permitir
independ. Aug. so' do MPLA. Esta
atitude nossa, se viesse a suceder,
sem a nossa perda ou influência

EVA-CEE

Leves

— u —
Entrega do documento de obriga
nos 3 ML e também EVA e ONU,
falando ainda de países amigos.

- O que nos pode ser assegurado é a entrega de armas ao MPLA: isto é fácil, faça saírem de zonas do MPLA.

A.C. → Vou ser aduzado do drabo:

O que significava deixar a soberania ao Povo? É tirar as costas?

VC → O Povo, em vez da via eleitoral, propôs ao Alvor e que nós respeitamos, escolheu a guerra. Com forma a ser o Povo a escolher.

AC → Os 3 instrumentos p/ os ML qual vai ser a importância da Dalcantina?

VC - Segundo Alvor, Povo, só reconhece as fronteiras atuais, portanto só reconhece enquanto Angola estiver inteira. É de montar logo Embaixada em Luanda, para mostrar o nosso interesse nas relações futuras. Nas entregas as demoras e omissão, até que se clarifique o Poder.

AC: está fora de causa, mesmo
"in extremis" ^{o enfraquecimento} "do caso" - ONU?

VC: Esta. Nr ONU, M.A. disse o
claramente. Vamos manter esta
organização a par, e não a cada.
Não o tal Gov. de Unidade, que
falvou a OUA propõe-la, mas isso
será depois do ANOV e já há muitas
decisões que leva em conta as
atitudes de outros países.

AC: Se só se sentarem 2 ML à
mesa, como é?

VC: Se UNITA = MPLA, interessa.
Portugal recuaria.
Mas só UNITA completa e MPLA
completa.

AC: E a reunião proposta: ficar
só?

VC: Combato-a; não arrastar
os ataques a Port. até que a
guerra se resolvesse (o que não
levaria anos?), pois a respeito
da soberania con-
tinuava a ser nossa.